

Manifesto NoFachoDay – É urgente o amor, é urgente tomar as ruas

Quando dizemos que não passarão, não é metáfora, é literalmente o enunciado da última linha de defesa que uma sociedade traça quando percebe que aquilo que julgava garantido está agora em risco real e diário. É dizer que, dependendo de nós, encontrarão resistência. Talvez o mais perturbador tenha sido termos normalizado durante demasiado tempo a presença do ódio na esfera pública como se fosse apenas mais um ponto de vista e não um ataque direto às fundações éticas, jurídicas e históricas que sustentam a democracia. Se hoje estamos aqui, é porque as instituições ficaram aquém do que lhes competia, porque quem jurou pela nossa Constituição falhou na proteção mais elementar, porque os partidos escolheram cálculos de conveniência em vez de um compromisso intransigente com a decência, e porque todos fomos sendo empurrados para uma espécie de anestesia cívica que confundiu tolerância com cedência, moderação com apatia e pluralismo com submissão ao insulto, à mentira, à desumanização.

Este movimento existe porque antes de ser sobre um partido é sobre o que aceitámos que fosse dito, repetido e amplificado sem contraponto firme, e é sobre o insulto diário, às pessoas negras, que continuam a ser tratadas como alvo legítimo; às pessoas migrantes, que são exploradas e depois transformadas em bode expiatório; às mulheres, que veem a violência normalizada e relativizada; às pessoas LGBTQI+, que são reduzidas a tropeço cultural; às pessoas com deficiência, que continuam a ser tratadas como descartáveis sociais, empurradas para a invisibilidade; às crianças, que crescem a ouvir que algumas vidas valem menos; aos animais, que continuam sem proteção digna enquanto se legitima o abuso como tradição. E tudo isto acontece ao mesmo tempo porque o fio que liga todas estas lutas é o mesmo, é a dignidade humana e não humana como valor absoluto, a recusa da violência como linguagem política, a recusa do medo como mecanismo de governo, a recusa da discriminação como suposta liberdade de expressão. São cada vez mais os partidos e movimentos que parecem brotar neste atropelo à decência, e convém lembrá-los de que o bom senso ainda cá anda.

Se milhares de pessoas assinam, escrevem, denunciam, se mobilizam e agora gritam, é porque entenderam finalmente que isto não é uma causa isolada: é a soma de todas as causas que foram sendo empurradas para a margem na esperança de que o país as defendesse automaticamente. E agora percebe-se que não, percebe-se que os direitos não são uma herança permanente, mas uma conquista que exige proteção diária; percebe-se que a democracia não cai de um dia para o outro, vai sendo degradada aos poucos enquanto nos convencem de que exageramos, de que dramatizamos, de que tudo é apenas discussão. Mas não, não é discussão quando há pessoas cujo estatuto humano é negado em praça pública, não é debate quando se semeia ódio com cálculo político, não é opinião quando se legitima a violência com silêncio cúmplice.

Quando olhamos para trás, percebemos que tratar isto como normal é um insulto sem medida ao país que saiu da noite da ditadura; é um insulto às mulheres, que não tinham o mínimo de autonomia; é um insulto aos opositores, que foram presos e torturados; é um insulto aos que desapareceram; aos que tiveram de fugir, às famílias destruídas; aos ex-combatentes, que carregam no corpo e na mente marcas de uma guerra que nunca escolheram; é um insulto a quem lutou para que a Liberdade fosse um bem comum e não

uma exceção. Aceitar agora que cresça uma força que relativiza tudo isto é uma violação da memória coletiva e uma indiferença moral que não pode ser aceite.

Por isso, este movimento é também uma homenagem, não uma homenagem passiva, mas uma que se faz com a responsabilidade de continuar o trabalho que outros pagaram com a vida, com a integridade, com o futuro; é uma homenagem que diz que não permitiremos que o país volte a tolerar a perseguição, a desigualdade institucionalizada, as hierarquias de valor humano, a violência legitimada pelo Estado. E é por isso que dizemos alto que isto é 25 de Abril outra vez, é todos os dias, é sempre que for preciso, porque no que depender de nós fascismo nunca mais.

O que nos traz aqui é a consciência de que há momentos em que a moderação se torna cumplicidade e em que o silêncio se torna abdicação. E se hoje levantamos a voz é porque sabemos que ainda é possível mudar, que ainda há tempo, que ainda há espaço, mas já não há paciência para repetir que o país é melhor do que isto sem o provar com ação. Porque a democracia precisa de cuidado, de presença, de responsabilidade, de coragem, e é por isso que nos juntamos, para mostrar que não vamos ceder um milímetro, que eles encontrarão resistência em cada esquina, em cada rua, em cada lugar onde tentem normalizar o que é inaceitável. Porque Portugal ainda escolhe a empatia, ainda escolhe a justiça, ainda escolhe a dignidade humana.

E, se alguém ainda duvida da força disto, basta abrir os olhos e ver que quem anda a tentar convencer-nos de que somos poucos está apenas com medo de que percebamos que somos muitos, que sempre fomos muitos e que estávamos era calados.